

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos – Trabalho 659

LUTAS EM (DIS)CURSO: LEITURA, ESCRITA E EXPERIÊNCIA NA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIA

Luiza Alves de Oliveira – UFRRJ

Adriana Alves Ferreira Costa – UFRRJ

Juaciara Barrozo Gomes - UFRRJ

Resumo

O movimento de ocupação dos estudantes brasileiros surge, no estado de São Paulo, no ano de 2015, através da iniciativa de jovens secundaristas, em protesto à reestruturação do sistema educacional estadual. A partir de então, uma onda de ocupações escolares amplificou-se em quantidade e variedade, com a adesão de institutos e universidades federais (MORAES; XIMENES, 2016). Este artigo nasce do tempo-espço de experiência de três professoras-pesquisadoras durante a ocupação do Instituto de Educação (IE) de uma universidade localizada na zona rural do estado do Rio de Janeiro, no qual cerca de trinta estudantes se instalaram e ali permaneceram durante o último trimestre de 2016. Os discursos produzidos foram fotografados, reconhecidos como experiências de luta e resistência e analisados por meio do viés da emancipação, constituição de subjetividades, experiência e saber da experiência em Larrosa (2014). Este texto se apresenta, portanto, como esforço de diálogo e experiências em curso pois, larrosianamente falando, algo aconteceu e acontece com estudantes, professores e comunidades. Além de movimento, os discursos se configuram como lutas em curso, em uma universidade que resiste e re(existe).

Palavras-chave: Ocupação estudantil. Discurso. Experiência. Leitura e escrita.

Introdução

[...] Nós sabíamos as velhas palavras e agora já não estamos seguros de que queiram dizer nada. E não queremos aprender as novidades: nem confiamos nelas, nem têm a ver conosco. Além do mais, estamos tristes e cansados e não sentimos senão raiva e impotência. Seremos capazes de provar de novo todos os verbos, por exemplo: ler, escrever, conversar... talvez pensar?
(Jorge Larrosa)

Larrosa (2014, p. 124) escreve, em seu texto *Fim de partida - Ler, escrever e conversar (e talvez pensar) em uma Faculdade de Educação* que o que ele tem “[...] não é muito, mas pode servir para começar. Três palavras: universidade, filosofia, educação. Um estado de ânimo: tristeza, raiva, impotência [...]”. Pesquisadoras e educadoras que somos, diríamos, entretentes, que o que tínhamos não era pouco: universidade, educação, ocupação. Também alguns sentimentos: indignação, revolta e possibilidades.

Suspeitávamos, não obstante, que algo nos movia ao encontro dos estudantes que vinham e ocupavam os espaços de uma universidade da zona rural do Rio de Janeiro no final do ano de 2016. O que tínhamos levou-nos a viver, lutar e acontecer em discursos contra o curso normal das coisas, a hibridizar professores, alunos e disciplinas, dentro de um contexto nacional que, da mesma forma, refletia e refratava núcleos de resistência contra medidas que cerceavam o direito constitucional a uma educação de base de igual qualidade e respeito à constituição múltipla e diversa de estudantes, professores e comunidades (MORAES; XIMENES, 2016)¹.

O movimento de ocupação dos estudantes brasileiros surge no estado de São Paulo, no ano de 2015, através da iniciativa dos jovens secundaristas, que permaneceram nos espaços das escolas públicas em protesto à reestruturação do sistema educacional estadual. A forma de configuração do referido movimento teve adesão em outros estados brasileiros, com diferentes motivações. Em tal cenário, os estudantes da educação superior também aderiram às ocupações.

Na universidade estudada, a ocupação teve início em 24 de outubro de 2016 e terminou em 17 de dezembro do mesmo ano. Devido à dimensão e estrutura da Instituição, os estudantes se dividiram em grupos, que passaram a ocupar diferentes institutos, mas mantinham uma mesma dinâmica e orientação por meio de um diretório, composto por representantes do movimento. No espaço pesquisado, o Instituto de Educação, cerca de trinta estudantes se instalaram e ali permaneceram durante o período em que durou o movimento.

Os estudantes organizaram, neste fazer em luta, uma agenda de atividades, com programações diversas: palestras, rodas de conversas, cine debates, oficinas, exposições, que foram compartilhados e divulgados, ora recorrendo a cartazes e conversas informais, ou mesmo por meios digitais, inclusive através de uma página criada numa rede social para este fim. Neste cenário, muitos professores, pesquisadores e profissionais outros, foram convidados para participarem desta programação e comporem reflexões durante o período em que o Instituto de Educação (IE) foi ocupado, inclusive as três pesquisadoras e autoras deste trabalho.

¹ As informações e fatos sobre o movimento de ocupação dos estudantes brasileiros, que serviram de base a esta pesquisa, encontram-se no Dossiê “Políticas Educacionais e a Resistência Estudantil”, recém publicado na Revista *Educação & Sociedade*, nº 137, 2016.

Foi então que este estudo nasceu, em busca de outros verbos que pudessem preencher nossas incertezas. Mesmo inseguras e cansadas diante do cenário político que ora se descortinava, as pesquisadoras planejaram uma atividade para a ocupação, onde ouviram, falaram, leram e escreveram palavras outras e foram surpreendidas por uma inquietação decorrente dos discursos produzidos neste encontro, pois os alunos afirmaram que seria muito difícil voltar para a sala de aula tradicional depois de terem vivido experiências tão transformadoras durante esse período. Assim, resolvemos investigar o processo de ressignificação da leitura e da escrita, que envolveu os alunos durante as ocupações.

De antemão, tínhamos a experiência de viver a universidade, a educação, os discursos, a ocupação e nos reconhecíamos indignadas, revoltadas e, ao mesmo tempo, plenas de possibilidades e sentidos. Deparamo-nos, logo, imersas em discursos em luta, em deslocamento de tempos e espaços, que foram tomados por palavras próprias e alheias. O IE transformara-se em um *lócus* de emancipação, onde os estudantes falaram por si mesmos, escreveram e leram por si mesmos, pensaram e conversaram com outros sobre o que se lia, escrevia e se pensava. Diante de tamanha variedade e multiplicidade de vozes, decidimos, então, capturar² e compreender as palavras em curso, discursos que passaram a ocupar paredes, murais, portas, corredores, entradas e saídas do instituto.

Assim, em 22 de dezembro de 2016, foram coletados 20 registros fotográficos das palavras discentes em forma de cartazes, painéis, avisos, pequenos textos dispostos em móbile, entre outros, antes mesmo da atividade vivenciada entre as pesquisadoras e os estudantes. Depois, em 12 de dezembro do mesmo ano, 74 novas fotos foram tiradas, quando se verificou, além de novos discursos dos estudantes, a incorporação dos textos trabalhados na atividade com as pesquisadoras. Estes foram atados, ligados e cosidos ao tecido de palavras, leituras e escritas dos sujeitos-alunos da ocupação, como que, assim alocados, passassem a ser de todos e de qualquer um.

Era perceptível, logo na entrada do instituto, que os alunos tinham não somente tomado posse dos espaços, mas também se apropriado do que era direito alienável de todos: uma educação pública, gratuita e emancipadora. Como protagonistas, pensavam e organizavam o território da universidade. Elaboraram diferentes comissões para

² Utilizamos a palavra capturar no sentido de captura de imagem, uma vez que os discursos foram fotografados e, posteriormente, analisados.

encaminhar as atividades da ocupação, ressignificaram não só os corredores, os banheiros e as salas de aula, como também as relações interpessoais.

Dessa maneira, esse estudo nasce de uma experiência vivida na universidade e pretende melhor compreender e analisar o vivido por três professoras-pesquisadoras, através de análises de produções discursivas faladas e escritas, capturadas pela fotografia e por seus olhares em curso, no período de ocupação dos estudantes, no final de 2016. Mobilizadas, deslocadas e atravessadas por tremores de luta e resistência, não poderíamos recusar o convite ao protagonismo nesta lida, o que nos levou a agregar e hibridizar as pesquisas sobre linguagem, experiência, ensino, leitura e escrita, em andamento na universidade, aos discursos discentes neste processo de ocupação. Instauramos, assim, um processo de reivindicação para abrimo-nos a novas experiências de estar e dizer dentro do espaço de um Instituto de Educação. Os discursos, reconhecidos como experiências de combate e questionamento diante da ordem governamental instaurada, foram analisados por meio do viés da emancipação, constituição de subjetividades, experiência e saber da experiência em Larrosa (2004, 2014).

Embora conscientes das limitações desta pesquisa ao tematizar ações recentes de resistência estudantil frente ao autoritarismo das reformas governamentais, acreditamos na relevância do estudo tanto do ponto de vista da produção de conhecimento, que ainda se encontra incipiente no que se refere a tais questões, quanto da sistematização de um movimento novo para estudantes, alunos e comunidade.

1. Começo de conversa: o convite dos estudantes

No momento em que grande parte da sociedade está vivendo na era da informação, da velocidade e da opinião midiática, um grupo de alunos decide viver uma “experiência” diferente, em outros (per) cursos. Diferente no sentido do que está institucionalizado, diversa no sentido do que vem sendo vivido, desigual do rumo que as coisas estão tomando, na contramão do que vem sendo dito, escrito, lido e pensado (talvez).

A ocupação dos estudantes do IE na instituição pesquisada estabeleceu-se como ação coletiva em discursos e em variados cursos. Era a ocupação que vinha, no sentido de desconstruir o que estava estabelecido, movimento este que avançava e buscava, nas reformas autoritárias efetivadas pelo governo e sem consulta à sociedade, formas de resistência contra uma ideologia neoliberal e tecnicista da educação, como nos descreve Moraes e Ximenes (2016, p. 1083),

Na segunda metade de 2016, o golpe institucional e a nova conjuntura política do país, marcada pelas investidas contra as conquistas civilizatórias da Constituição de 1988 por meio principalmente da Proposta de Emenda Constitucional nº 241/2016 (BRASIL, 2016b) e da Medida Provisória nº 746/2016 (BRASIL, 2016a), que reformam radicalmente a estrutura e os propósitos do ensino médio, levariam a uma nova onda de ocupações escolares, dessa vez ampliada substancialmente em seu número e também pela participação de institutos e universidades federais [...].

Neste cenário de resistência, os estudantes da universidade, na qual as pesquisadoras se inseriam, organizavam-se em múltiplas e variadas atividades e convidavam professores e a sociedade em geral a se instituírem como espaço-tempo de resistência. Então, um convite foi feito para que nos deslocássemos de nossa posição docente e nos engajássemos ao discurso que vinha na contramão do que estava sendo instituído pela nova conjuntura do país, tal como nos fala Larrosa (2014, p. 15).

O convite dos estudantes desprofessoriza os professores. Não estão nos pedindo que os compreendamos, nem que compartilhem suas colocações, nem que discutamos com eles. Não nos pedem que lhes ensinemos ou que lhes informemos ou que lhes expliquemos ou que lhes convençamos. Não nos pedem que falemos a partir do saber, a partir de nossa posição na ordem desigual do saber, e sim a partir de nós mesmos, como iguais. Não como idênticos, mas como iguais. O que eles pedem é uma palavra de alguém que lhes diga algo. E serão eles os que decidam o que fazer com isso.

Foi assim que o convite foi feito. Participamos, em 21 de novembro de 2016, com os alunos, da vivência desta experiência, discutindo, propondo, ouvindo, partilhando, sempre como iguais. A proposta, denominada “Conversa com alunos: Saber da Experiência e Notório Saber – questões em debate na Medida Provisória n. 746/16” fazia um convite para que os discentes ocupassem espaços de saberes e experiências, por meio de diferentes atividades de leitura, escrita e diálogo, sem nenhum tipo de formatação ou imposição de modos de agir. Os sujeitos participantes, alunos e professores, dispuseram-se lado a lado, para que não houvesse destaque, nem sobreposição de um sobre os demais. Ali, iguais nos direitos e respeitados nas diferenças que nos constituem como humanos, não havia diferenciação de espaço, nem hierarquia ou voz impostada.

O lugar da conversa não era a formatada sala de aula, mas o corredor do IE, lugar de passagem e de acesso, local de (des)encontros, informalidades, transição. Não por acaso que, a partir da palavra corredor, podemos conjugar outros verbos, como correr, passar, fluir e estabelecer cursos em outros discursos. Assim, respondemos ao convite conjugando outros verbos, pois falamos de experiência, a partir da reflexão de Larrosa

(2014), como algo que nos acontece e que nos faz tremer, vibrar, pensar, sofrer, gozar. Algum tanto que pode converter-se em cantos de protestos, de rebeldia, de guerra ou de luta. Algo que abre espaços para que se diga coisas que vale a pena pensar.

2. Leitura, escrita e conversa: experiências em curso e em discursos

Como questão norteadora, este artigo buscou investigar os sentidos constituídos nos discursos produzidos durante as ocupações estudantis no IE de uma universidade, localizada na zona rural do estado do Rio de Janeiro, durante os três últimos meses do ano de 2016.

Reiteramos, aqui, que foram coletados, em 22 de dezembro de 2016, 20 registros fotográficos das palavras discentes e, em 12 de dezembro do mesmo ano, 74 novas fotos foram tiradas, totalizando 94 fotografias. Diante de tão vasto *corpus*, em um primeiro momento, retiramos as fotografias repetidas (fotos de um mesmo texto em diferentes ângulos), o que nos levou a reduzir o quantitativo para 43 fotos. Também foi necessário selecionar aquelas que, além de estarem mais nítidas para realizarmos as análises, também poderiam ser mais representativas da experiência do movimento de ocupação e resistência estudantil. Chegamos, então o número de 13 registros fotográficos expostos e analisados neste artigo.

Ao entrarem em luta pelo viés da ocupação, cerca de trinta jovens usaram as palavras para se posicionarem e marcarem seu espaço institucional no IE de uma universidade pública, não importando o resultado ou mesmo quem seriam os leitores. A palavra, naquele momento, era a arma e o escudo, era simplesmente o dizer, o desnudar, o marcar. Não se tratava de reproduzir palavras escolarizadas e escolarizantes (LARROSA, 2014), mas de ocupar espaços com palavras livres, poéticas, políticas, éticas, conscientes e que se hibridizaram num processo de composição de textos verbais e não verbais.

Figura 1: Painel produzido pelos estudantes e disposto na entrada do IE



A liberdade de dizer de si e do movimento é logo percebida de relance ao olharmos para o painel (figura 1), assim como as lutas e as ideologias em curso, (re)desenhadas e (re)escritas sobre as palavras impressas da autoridade jornalística nas folhas de jornais. Estas, serviram de suporte para recriar e sobrepor novos discursos de estudantes, autores de uma nova lógica, e dispostos em curso de resistência contra discursos e verdades que, a despeito da pluralidades de vozes que povoam a sociedade, homogeneízam a essência múltipla e diversa dos sujeitos. Compreende-se, então, a imposição dos discursos em luta sobre as velhas e reacionárias palavras. O painel se tece por meio de uma composição de imagens e palavras que dizem do momento de busca pelo protagonismo feminino e de luta e resistência contra o machismo, a misoginia, a homofobia, o racismo, a parcialidade, a manipulação midiática, entre outras formas e concepções que desumanizam o humano.

O que são essas palavras se não uma indisciplina contra o rumo ordinário das coisas. Desalunizando, desprofessorizando e desfuncionarizando como nos propõe Larrosa (2014). No entanto, e ao mesmo tempo, são palavras plenas de igualdade e pertencimento, propondo uma nova ordem, uma nova maneira de estar nesse espaço. Mas o que nos dizem estas palavras? Que a luta não é só contra as reformas governamentais, mas também contra o que está (con)sentido e estabelecido, contra aquilo que não cabe mais na instituição, contra valores e hábitos que foram ficando arraigados sem a mínima reflexão. O texto, assim disposto, vai além das possibilidades que a realidade muitas vezes impõe, transcende, vence o pensamento estúpido, mesquinho, o conformismo, nossa necessidade de ordem, nosso desejo de obedecer (LARROSA, 2014).

Nos discursos em curso, durante a atividade, ressaltamos os sentidos que as palavras de um aluno, graduando de Ciências Sociais e que participava do movimento de ocupação do IE, ecoou em nós, logo após a leitura dos poemas de Brecht e Pessoa:

Quando a ocupação acabar, não serei mais o mesmo aluno, não sei como aguentarei algumas aulas de professores que ainda usam o mesmo apontamento no papel amarelado, a mesma aula, as mesmas palavras, depois de ter vivido experiências como essa, na “ocupação”
(Aluno 1)

A fala deste aluno descreve uma Universidade que ainda funciona no sentido de dificultar ou impossibilitar que alguma coisa aconteça. No entanto, este discurso também revela que o sujeito da experiência se expõe, busca, pensa, renova-se e transforma. Enfim, o convite dos alunos nos leva a pensar que sempre podemos arriscarmo-nos contra o curso normal das coisas.

3. O que os registros fotográficos sobre os textos dos estudantes nos diz? um diálogo larrosiano

O que ainda conservo, isso sim, apesar de tudo, é o amor. O amor aos livros, o amor à vida e o amor, por que não dizê-lo, aos jovens, aos que começam, aos que chegam às aulas universitárias com vontade de aprender, de ler, de escrever, de conversar, de pensar, com vontade de viver. (Larrosa, 2014)

Larrosa (2014) discute reflexões sobre o processo de ocupação dos estudantes universitários na Universidade de Barcelona contra a reforma proposta a partir da Declaração de Bolonha. O autor discorre: “No dia em que escrevo isto (24 de novembro de 2008), os estudantes (dizem que muito poucos) estão há vários dias ocupando alguns edifícios da Universidade” (LARROSA, 2014, p.143), ou seja, aborda um processo de natureza semelhante ao vivido pelos graduandos no ano de 2016 no Brasil, em especial na universidade pesquisada.

No decorrer de tal movimento, nós, docentes do Instituto de Educação, fotografamos os textos produzidos pelos alunos e expostos no referido prédio como forma de captura da expressão de seus olhares.

Partimos, pois, da fotografia enquanto dispositivo fundante no acontecer e/ou narrar da experiência. Sim, como registro que instiga a intencionalidade humana e do pensar por intermédio de códigos. Um pouco mais adiante, como reveladora de um processo de singularidade e multiplicidade sócio-histórica. Portanto, a fotografia pode se

revelar experiência em si porque impele modos de pensar e agir daquele que captura e é capturado num processo de construção de si mesmo.

Sendo a fotografia um texto polifônico, carregado de sujeitos, contextos e significados, pensamos que ela deflagra modos outros de olhar o mundo, enriquecendo as possibilidades de entendimento dos fatos, objetos, pessoas e acontecimentos. Para Souza e Lopes (2002, p. 61) a fotografia “se constitui uma escrita atual do homem, mediada por tecnologia criadora de uma narrativa figurada”. Portanto, a fotografia representa um pensamento, uma ideia. Aquele que fotografa expõe uma intencionalidade e, por sua vez, se expõe.

A fim de conhecermos os discursos de sujeitos se expõem, no caso os estudantes que ocuparam o prédio do Instituto de Educação da universidade em questão, selecionamos as imagens, sendo a primeira delas (Figura 3) denunciante do próprio processo de ocupação:

Figura 3: Imagem de cartaz afixado na entrada do corredor do IE

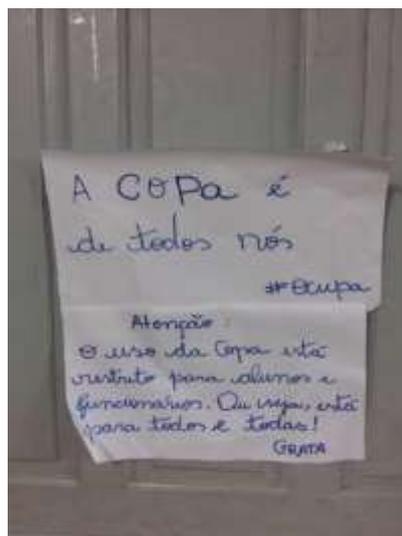


Contudo, esse anúncio que mostra sobre como estar em um lugar, também foi explicitado por intermédio de modos de viver no espaço físico da universidade, como nas figuras 4 e 5:

Figura 4: Cartaz colado na porta do banheiro



Figura 5: Cartaz colado na porta da copa



Os estudantes organizaram regras de convivência (figuras 4 e 5), programações, contendo oficinas, debates com professores e com profissionais outros, advindos de outras instituições. Neste sentido, os alunos fizeram coisas com as palavras e ocuparam espaços, dando sentido ao que lhes acontecia. Juntaram palavras e coisas, nomeando o que viam e sentiam (Larrosa 2004), como no caso de “Pessoa no banho” (figura 4), a (re)significar, talvez, o banheiro feminino do IE, como lugar de “pessoas”, sem pouco importar o que nos diferencia: se mulheres, homens, professores, alunos ou funcionários.

Destacamos, ainda, o cartaz (figura 5), pretensiosamente exposto na porta de entrada da copa do IE, espaço de acesso quase exclusivo a funcionários antes do movimento de ocupação, que se configura como um rompimento às barreiras do funcionalismo institucional. Traz, ainda, a visão do espaço universitário “por direito” como patrimônio público, onde a responsabilidade pelo cuidado e pela limpeza é de todos e de todas.

Diante de tantos discursos em luta, seguindo o curso da resistência e da contramão das políticas governamentais, podemos perguntar, ainda, o que dizem essas palavras. Que convite nos fazem? Quais sentidos produzem? O que denunciam? Temos vagas ideias e algumas possibilidades, mas a palavra é isso, é verbo, é ação, movimento, força, potência. Em alguns, produz cumplicidade, em outros, indignação. Mas não é esse o sentido que buscamos? O da contradição, da fricção, da oposição? Ou queremos a igualdade, a conformidade e a obediência? Não é o movimento que impulsiona o pensamento? A universidade não seria o local dos sujeitos pensantes, que vencem a preguiça e a covardia?

Fato incontestável é que estes alunos são sujeitos de palavras, desejos, pensamentos e ações. Pensamento como algo que motiva, que (des)mobiliza, que clama, que conclama, que busca. Na ocupação, eles fizeram do espaço da universidade um *lócus* de igualdade. Larrosa (2014, p. 163), ao se referir sobre o interior do lugar de leitura, escrita e conversação, escreve que ele é “[...] um espaço que não existe em si que se abre [...] não tem local, mas que pode acontecer em qualquer local”, assim como aconteceu no IE da universidade onde pesquisamos os sentidos dos discursos em luta durante a ocupação estudantil no último trimestre de 2016.

Autores de histórias que se desejam (re)escritas coletivamente, os estudantes pretendiam, além de se posicionarem contra a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 241/2016 e da Medida Provisória nº 746/2016, também marcarem outras lutas, como por exemplo a relevância do Instituto de Educação na formação dos licenciandos como pode ser verificado nas fotos das figuras 6 e 7.

Figura 6: Imagem do corredor do IE ocupado por móveis de palavras e discursos discentes

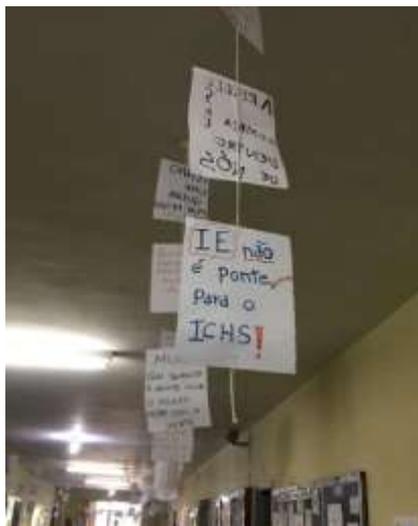


Figura 7: Imagem do corredor do IE ocupado por móveis de palavras e discursos discentes



A visibilidade reivindicada para o IE (figura 7) talvez se constitua como um esforço para que a educação e seus sujeitos se tornem visíveis e atuantes nas discussões e decisões governamentais, pois o apagamento e a deterioração do ensino, principalmente por parte das políticas de governo têm dilacerado a imagem e, principalmente, a função da escola e da universidade como produtoras de conhecimento.

O prédio do Instituto de Educação foi composto por outra paisagem, com cenas que explicitavam discussões sobre ser mulher (figuras 8 e 10), racismo (figuras 9, 10 e 11) e juventude (figura 11).

Figura 8: Cartaz afixado no corredor

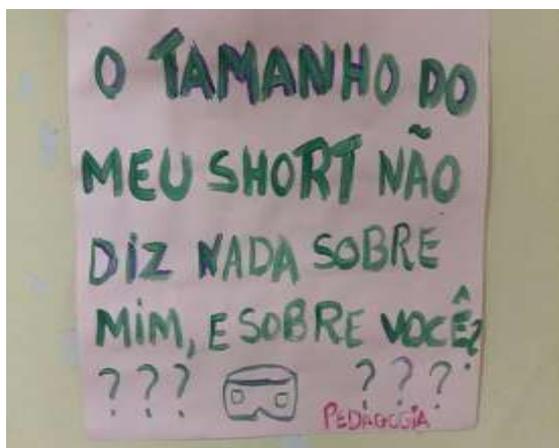


Figura 9: Cartazes afixados no portão de entrada

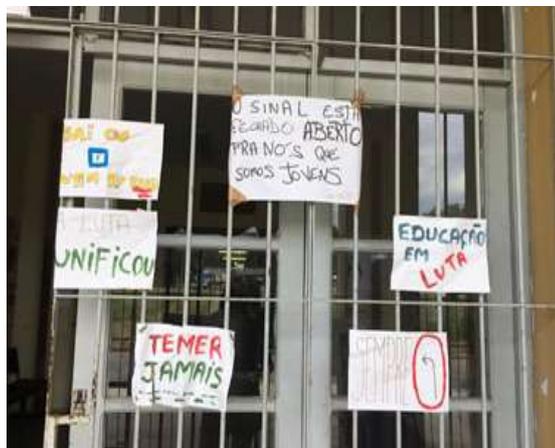
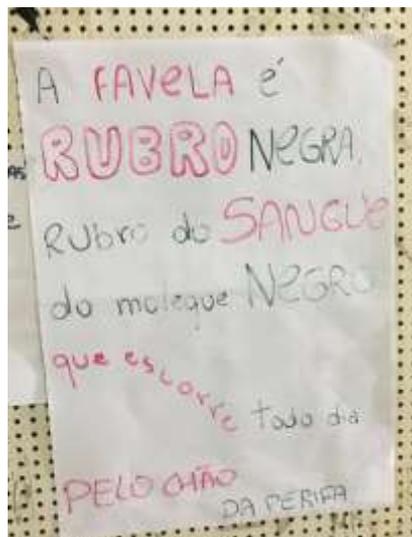


Figura 10: Cartaz (não verbal) afixado no corredor Figura 11: Cartaz afixado no mural



O texto de Larrosa (2014) anuncia uma universidade que segue, que chega até ele. O autor diz: “Nós, como Jacotot, não cremos nas instituições e nem nas políticas institucionais e além disso, sabemos que tudo segue seu curso e que *outra* universidade é impossível” (p.127), contudo, para nós, a universidade resiste a essa tendência em se constituir no modo de ser escolar e ao ajuste das necessidades do estado e do capital.

Figura 12: Imagem do corredor do IE ocupado por móveis de palavras e discursos discentes



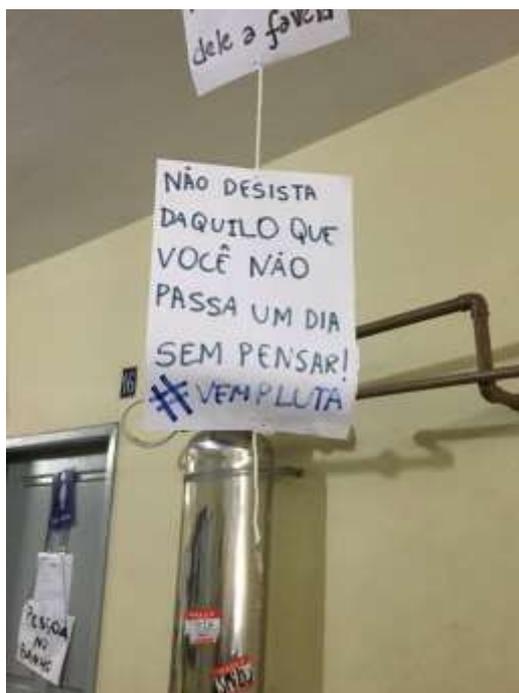
Podemos nos aproximar de tal resistência, ser parte dela:

Os estudantes querem que lhe digamos algo, que lhe escrevamos algo. Querem que isso, além do mais, seja feito a partir de um critério pessoal. O que querem, concretamente é que problematizemos se ainda resta lugar para certas “coisas” nessa universidade que vem e que, segundo parece, está orientada aos resultados, ou seja, à eficácia, ao rendimento, à utilidade (LARROSA, 2014, p. 158)

Um convite que, para Larrosa “desprofessoriza os professores”, colocando-os “não como idênticos, mas como iguais” (p.158). Para ele, é “um espaço que tem que ser aberto” (p.163). A questão que nos fazemos como docentes na universidade é se essa tensão foi prenhe de experiência, entendida aqui larrosianamente como “aquilo que nos acontece”, sendo algo difícil de nomear e sendo ela cada vez mais rara em nossos tempos por causa do “excesso de informação; excesso de opinião; por falta de tempo e por excesso de trabalho” (2014, p. 115).

No tempo em que vivemos, hostil à experiência, ela nos é cada vez mais cara. A escassez de condições para que a experiência aconteça interfere em nosso jeito de ser gente: “o sujeito da experiência é um sujeito exposto” (p. 26), ou ainda “... o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.” (p. 25). Os textos fotografados dos estudantes universitários nos mostram sujeitos de iniciativa (figura 13).

Figura 13: Imagem do corredor do IE ocupado por móveis de palavras e discursos discentes



Larrosa (2014, p.174) finaliza seu texto com jeito de provocação:

Assim, para terminar, não posso fazer outra coisa senão reiterar a pergunta: tem sentido, aqui e agora, neste lugar (uma Faculdade de Educação) e neste tempo (quando o curso ordinário das coisas é o do triunfo sem alternativas de uma universidade mercantilizada), voltar a se perguntar pela leitura e pela conversação?

O que os textos dos estudantes nos mostram que sim.

Retratamos, assim, que os discursos em curso, analisados neste artigo, não aconteceram na sala de aula, na cadeira universitária, no quadro de giz, no computador ou mesmo no caderno, mas no corredor, ali mesmo, na passagem, para que todos pudessem ver, (re)ler e, por que não, escrever. Os alunos não escreveram para alguém, mas para todos e qualquer um. Seus discursos podem ter provocado muitas conversas, olhares, dizeres, indignações. Talvez, ainda, outros pensares, modos de sentir e de estar no espaço da universidade, em especial de um instituto de educação.

Considerações em curso – início para outras partidas

Os discursos expostos e analisados neste texto indicam que, diante dos tremores de movimentos de resistência e ocupação estudantil, em oposição ao autoritarismo de reformas governamentais propostas para a educação brasileira, algo aconteceu com estudantes, professores e comunidades. Além de acontecimento, os discursos se configuraram como lutas em curso, em uma universidade que resiste e (re)existe.

Em nossa tentativa de opor enunciados, uns aos outros, buscamos contra-discursos e silêncios para seus locutores e nos deparamos com os limites de compreensão, não como “[...] lugar de transparência e saturação do sentido, mas lugar de mediação.”(AMORIM, 2004, p.48).

Este texto se apresenta, assim, como esforço de começo e de mediação, pois tantas outras perguntas nos movem para a compreensão do que aqui dialogamos: quais resistências outras podemos deflagrar por uma universidade em que a escrita, a leitura e o pensamento possam acontecer? Como a abertura e a tomada de espaços e tempos contribuem para a constituição de subjetividades que lutam e produzem discursos sobre ser e dizer na universidade? Ocupadas pelos discursos dos estudantes, desprofessorizadas e desfuncionalizadas, o que faremos agora?

Suspeitamos, nestes encontros e mediações, que as imagens e palavras analisadas dizem, para além da experiência de resistir às imposições governamentais antidemocráticas, sobre o necessário exercício do protagonismo feminino e das minorias excluídas, em luta e resistência contra quaisquer formas de discriminação que venham a nos desumanizar.

Há de se conjugar outros verbos, como nos convida Larrosa (2014) e, quem sabe, ao desalunizar, desprofessorizar e desfuncionarizar o que (nos) ocupa, possamos (re)escrever e tecer novos pontos de partida. Neste percurso, as coisas seguem seu curso

e acreditamos que novas incursões podem (nos) acontecer, nos atravessar e, talvez, pensar uma educação onde as ações e os verbos possam ser conjugados coletivamente.

Referências

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo, SP: Musa Editora, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas, vol. 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987. p. 197-221.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª Edição. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 151-165.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: GERALDI, C. M. G.; RIOLFI, C. R.; GARCIA, M. de F. (Orgs.) **Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 113-151.

_____. Fim de partida ler, escrever, conversar (e talvez pensar) em uma Faculdade de Educação. In: LARROSA, Jorge. **Tremores escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 123-174.

MORAES, Carmen S. V.; XIMENES, Salomão B. Políticas educacionais e a resistência estudantil. In: **Educação e Sociedade**. v. 37, n.º 137, p.1079-1087, out.-dez., 2016.

SOUZA, Solange Jobim; LOPES, Elisabete Ana. **Fotografar e narrar**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002 Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 61-80, julho/ 2002.

